

## CORPO E SEXUALIDADE Jorge José Serapião<sup>1</sup> BODY AND SEXUALITY

### **Corpo, Sexo e Gênero**

Em relação à sexualidade humana o corpo é elemento fundamental na distinção entre os sexos não só em relação às diferenças biológicas, como também em relação às diferenças de gênero. Aqui, como já se percebe, começamos a utilizar as palavras sexo e gênero.

As correntes feministas foram responsáveis pelos novos significados desses termos. A sociologia encampou muitas das questões feministas que, no meio acadêmico, passaram a ser discutidas num novo e palpitante capítulo denominado *women studies*.

Assim, sexo passou a referir-se às diferenças biológicas do corpo, entre os seres humanos mas que ocorrem também entre muitas outras espécies através dos quais os indivíduos, costumam ser identificados como masculinos e femininos e os animais, como machos e fêmeas.

Tais aspectos se relacionam às diferenças nos cromossomas, nas goladas, nas genitálias, nos hormônios, nas enzimas etc.

Na prática entretanto não costumamos examinar enzimas, hormônios, cromossomas ou muito menos a genitália de um indivíduo para caracterizar seu sexo. Tendemos a observar, seu comportamento, suas roupas, seu estilo de corte de cabelo, sua maneira de andar e uma série de outras características não necessariamente conseqüências do biológico. Na prática é o gênero de uma pessoa que costumamos utilizar para identifica-la como homem ou como mulher.

Portanto: “Gênero refere-se ao modo pelo qual, numa determinada sociedade, as pessoas são construídas para comportar-se e experimentar-se a si mesmo, como homem e como mulher”. (CROWLEY & HIMMELWEIT, 1992 ).

Embora todas as sociedades tendam a tratar homens e mulheres de forma diferente e assim desenvolvam um padrão, essas diferenças variam enormemente de uma sociedade para outra. Nas

---

<sup>1</sup> Professor da Faculdade de Medicina da UFRJ. Ambulatório de Sexologia do IG – UFRJ. e-mail: [serapius@unisys.com.br](mailto:serapius@unisys.com.br)

sociedades modernas atividades profissionais que demandem esforço físico são, por exemplo, exercidas preferentemente por homens embora no Brasil quem leve “lata d’água na cabeça” seja a Maria. Entretanto exceções como essa não invalidam a participação dos fatores físicos na conformação dos papéis de gênero.

E tudo começa desde o nascimento. O corpo de menino é maior e mais pesado que o corpo da menina. Ele também exibe um metabolismo basal mais elevado. Os movimentos dos recém nascidos são mais vigorosos e agora já não sabemos mais até que ponto em decorrência de um maior estímulo.

Com os brinquedos, as meninas tendem a sentar-se e colocá-los diante de si. Os meninos, ao contrario, puxam, esfregam no chão lançam no espaço etc. Esse tipo de atividade lúdica prepara as forças e músculos masculinos para a atividade adulta onde, em algumas culturas se perpetuam nos esportes.

Entre os adultos o corpo masculino será trinta por cento mais forte que o da mulher com duas vezes mais o peso da massa muscular. Em média uma mulher pode carregar metade de seu peso corporal enquanto que um homem em média pode carregar duas vezes o seu peso.

Ao que todo indica, os homens têm uma acuidade visual e auditiva mais desenvolvida o que será importante na sua função ancestral de caçadores.

Também a disposição espacial do corpo é influenciada pelas diferenças sexuais. Diferenças na estrutura osteo-articular fazem com que as mulheres andem com passos menores e tenham uma rotação interna das pernas que funciona como uma sinalização sexual bastante atraente como o andar das gueixas no mundo oriental ou o “doce balanço a caminho do mar” da Garota de Ipanema.

Mas se o corpo é muito atraente em movimento o é também, ainda que em menor proporção, quando em repouso. Em função de peculiaridades anatômicas as pernas se cruzam de forma diferente entre homens e mulheres sendo que, algumas vezes, de forma especificamente femininas, como por exemplo nas chamadas pernas torcidas. Isso não impede que algumas mulheres sentem-se de pernas abertas “como um homem”.

Os grupos feministas tendem a exagerar a contribuição do social afirmando que os papéis de gênero não dependem do biológico mas são construções do social e portanto, havendo interesse político, podem ser alterados. Mais ainda, ao nível individual afirmam que a identidade de gênero não é determinada pelo sexo e os trabalhos de MONEY E ERHARDT (1972), hoje muito questionados, tentaram defender esse ponto de vista. Ao extremo questionam se os papéis de gênero não são totalmente construídos pela sociedade Argumentam que, hoje por exemplo, o hímen é somente um detalhe anatômico sem o valor social que lhe era conferido na idade média até os tempos recentes.

Tal postura, definida como um construcionismo, se opõe ao determinismo biológico no qual homens e mulheres desenvolvem suas características masculinas e femininas porque são programados biologicamente assim.

Uma posição intermediária entre deterministas e construtivistas admite que a biologia proporcione as bases sobre as quais o social tem certo espaço de ação.

### **Corpo e atratividade sexual**

Alguns detalhes de diferenças físicas são muito importantes sob o ponto de vista de sinalização sexual. Os mais recentes e curiosos trabalhos de DESMON MORRIS (1997) mostram isso com muita precisão.

A mama feminina, por exemplo, esta longe de representar uma estrutura corporal produtora de leite capaz de despertar o interesse somente das criancinhas. Afinal se considerarmos que cerca de 2/3 da mama são constituídos por gordura que lhe dá formas arredondadas e graciosas, teremos que admitir que boa parte dela, pouco tem a ver com produção de leite. Por outro lado esta forma é mantida ao longo de quase todo o período fértil da mulher (o que explica sua função como estrutura de erotização) ao contrario das mamas das primatas que ficam planas e menos perceptíveis quando não estão aleitando.

Mas o corpo humano tem também um eficiente sistema de atratividade sexual para os homens: a estrutura muscular, a distribuição de pelos, etc.

Portanto homens e mulheres nascem com diferentes mecanismos de sinalização de suas sexualidades que a cultura acentua, aprimora ou destaca. O volume dos lábios, bem como sua

coloração, é um excelente exemplo. E aqui entra a participação do social. Se ter lábios grossos é *sexy* porque não acentuar essa característica como é feito entre os botocudos ou acentuar sua coloração, como faziam as prostitutas do Egito Antigo através do uso de batons que enriquecem, na modernidade, as indústrias de cosméticos?

### **Corpo e sexo e sociedade**

Ao longo da história da humanidade o corpo, sempre reverenciado, serviu de modelo para a criação artística. Embora a curiosidade e a admiração tenha sido o corpo feminino, no mundo grego e romano o corpo masculino teve especial destaque. Discordando do que afirmou SHILLING (1997), que o corpo teve uma “presença silente” na Sociologia clássica lembramos que MARX e ENGELS, por exemplo, fazem referência às condições do corpo das classes trabalhadoras inglesas, corpos esses que se deformavam pelas condições de trabalho impostas pelo capitalismo. WEBER chama a atenção para o espírito calvinista valorizador de uma predestinação que levava a uma subordinação voluntária do corpo a uma rotina severa. Essa quase secreta história do corpo na sociologia clássica vai ter um discurso mais explícito com Nietzsche, Marcuse e Foucault.

Na modernidade o corpo passa a ser reconhecido como uma posse individual embora ainda bastante ligado ao estado. A partir dessa estruturação se entende que a vida, e conseqüentemente o corpo, é legalmente uma propriedade do estado daí advindo como delituosa a ação de automutilação, suicídio, aborto, etc.

Mais recentemente destacam-se os grupos de mulheres que reclamam seus corpos e das pessoas em geral que querem defini-lo como uma propriedade individual.

Na pós modernidade e de forma didática podemos identificar um interesse pelo estudo do corpo a partir dos seguintes acontecimentos:

A segunda onda do feminismo nos anos 60 coloca na agenda de suas discussões o controle da fertilidade, o direito ao abortamento e o repúdio a violência sexual que na verdade são partes de uma reivindicação maior que é um basta às submissões do corpo feminino ao controle dos homens.

Também grupos feministas relacionaram o patriarcado e a submissão feminina à exploração do corpo das mulheres na pornografia, na prostituição e na maternidade de aluguel etc.

Mas o pensamento feminista não se concentrou sobre o corpo feminino com exclusão do masculino. Afinal esses dois aspectos estão relacionados de forma irreduzível; por exemplo: foi o poder e a força do corpo masculino o instrumento de controle do corpo feminino.

Seguiram-se assim importantes trabalhos sobre homossexualidade masculina. É claro que a questão do homossexualismo masculino não é exclusivamente corpo mas há alguns aspectos específicos nestes tempos de AIDS relacionados ao significado cultural dado a um comportamento específico envolvendo penetração e a troca de fluidos.

Um aspecto interessante nos trabalhos sobre o estudo do corpo masculino é como a imagem masculina tem sido descrita nessas diversas análises. Nota-se uma preocupação entre os homens de conquistar a imagem corporal por eles idealizada - muscular mesomórfica -.

As academias estão oferecendo o espaço para essas conquistas. Nelas observamos o decréscimo do estereótipo do homem gay como homem que falhou , que não deu certo e a substituição do estereótipo do desmunhecado *Sissy* pelo estereótipo do gay macho que constrói seu corpo.

Por outro lado o aumento da participação das mulheres na esfera pública tem levado a uma retomada da necessidade de músculos na medida em que é pelo corpo que voltaram a diferenciar-se numa sociedade em que as outras diferenças estão se diluindo (cognitivas, afetivas, ocupacionais, estilo de vida etc.).

Finalmente se observa um decréscimo da importância do papel do homem como ganhador do pão aumentando a ênfase no consumo e na auto-imagem o que faz sobressair o território do corpo. A prova de que os homens passaram a se preocupar com o tipo de imagem do corpo masculino é ressaltado no livro “A remasculinização da América” de JEFFORD (1987) ou na descrição do “Metrossexual” por MARK SIMPSON (1994).

## **A sexualidade e a natureza dos corpos**

Podemos admitir que temos diversas naturezas de corpos.

Corpo real.

Corpo imaginário

Corpo virtual

Corpo idealizado

Corpo desejado

O Corpo real é o que se vê no espelho ... embora seja quase sempre um corpo refletido. Afinal muitas partes do corpo nunca são vistas diretamente. Vemos nossos braços e nossas pernas mas nunca vemos diretamente nossas costas e ou nossa cabeça.

O corpo imaginário é aquele criado, como sugere o termo, por nossa imaginação. È, por exemplo, o corpo do neném que a grávida constrói antes do nascimento e que algumas vezes não vai corresponder a realidade. Quantas mães rejeitam o recém nascido prematuro cujo corpo esquelético não correspondeu ao corpo imaginário de um bebe lindo e gorduchinho com o que fantasiou durante toda sua gestação.

O corpo virtual é o construído pela tecnologia. É a imagem da ultrassonografia do bebê dentro do ventre materno. É a imagem do interior do útero visto pela videolaparoscopia. Em outras circunstancias, e através da racionalização, tendemos a virtualizar esse nosso corpo. Eu e o meu corpo nos tornamos entidades separadas. Este tipo de reflexão pode ser aplicado a um contexto de doença ou disfunção : Não sou eu , mas é o meu fígado quem esta doente, meu dente que dói ou meu pênis que é impotente etc.

Outro conceito de virtualidade em sociomedicina é o de desmaterialização do corpo durante o ato médico.

A medicina utilizou no passado artifícios que buscavam a desmaterialização do corpo ao longo do ato médico. Os lençóis fenestrados para exame ginecológico (que por sinal não são diferentes daqueles utilizados nas relações sexuais da cultura judaica) são um exemplo . Também os lençóis que cobrem as pernas das pacientes em posição ginecológica na verdade isolam-nas de qualquer

interação com o médico durante seu exame ... Lembro-me de uma cliente que se negava a ficar coberta durante o exame ginecológico e o quanto que me custou aceitar seu pedido de examiná-la sem nenhum tipo de cobertura...

O corpo é também isolado no ato cirúrgico. O ritual do teatro cirúrgico vai, à título de assepsia, isolando mais e mais o paciente de tal forma que ao final somente uma pequena área daquele corpo será o cenário de sua atividade; como se estivéssemos trabalhando somente num segmento do corpo. É mais aceitável trabalhar-se com as partes do que com um corpo vivo inteiro.

A vídeo laparoscopia completou a virtualização do corpo no ato cirúrgico, transformando-o num vídeo-game que só indiretamente se relaciona com o paciente. Aqui a virtualidade se confunde com o jogo, o game, o faz de conta... Não é acidental que os meninos, de há duas décadas, ávidos desse tipo desse tipo de diversão, tenham se transformado, hoje, em hábeis laparoscopistas, alguns até cirurgiões virtuais.

**Corpo idealizado (aquele que gostaríamos de ter em função de ditames sociais).** É o corpo perfeito capaz de atender plenamente as exigências de nossa idealização.

O corpo real jamais será capaz de satisfazer essa expectativa remetendo-nos sempre a uma falta existente em cada um de nós, seres humanos. Ilusoriamente imputamos a esse corpo a responsabilidade de não estar correspondendo ao padrão externo exigido, acreditando que reparando esse corpo estaremos reparando essa falta. E aí recorreremos muitas vezes à cirurgia plástica buscando contornar os primeiros sinais de envelhecimento ou as imperfeições percebidas no corpo real. Se não... não seremos capazes de atrair o outro ou perderemos o que temos conquistado... seremos gordos, velhos, feios e tudo mais que é reprovado.

Partiremos pelo atalho da busca ansiosa da felicidade como se ninguém fosse capaz de amar o gordo o velho ou o feio. Buscaremos um corpo virtual na tentativa da superação da falta esquecendo que na verdade ela é a responsável pela saída da inércia e que nos faz crescer e nos tornarmos ricos como pessoas. Essa busca se faz em função da necessidade de alcançarmos uma imagem corporal idealizada.

Mas a imagem corporal é componente muito importante da estruturação da identidade dos indivíduos. PYTANGUI (1992) acredita que a imagem corporal de uma pessoa é formada pela

imagem idealizada ou aquela que se deseja ser muito influenciada pela impressão de terceiros (informações externas) e a imagem objetiva que a pessoa vê, olhando e sentindo seu próprio corpo. O equilíbrio consistiria fundamentalmente na superposição da melhor maneira possível dessas imagens. Assim um bom grau de equilíbrio psíquico conduziria um indivíduo a se ver mais ou menos como os outros o vem e não muito distante da imagem que gostaria de ter.

Quando estas imagens se distanciam demasiadamente estaremos diante de variados quadros de desequilíbrio emocional geradores de maior ou menor grau de angustia.

Os cirurgiões plásticos deverão ficar muito atentos aqueles pacientes nos quais a imagem objetiva esteja de tal forma afastada de sua imagem idealizada que fatalmente represente um fracasso qualquer tentativa de restauração cirúrgica.

Situação peculiar é vivificada pelas pacientes que sofrem uma mastectomia. Sua auto-imagem fica comprometida pela realidade da amputação da mama.. Aqui a imagem gerada pela impressão de terceiros, principalmente representados por pessoas amadas, terá efeitos moduladores na recomposição da auto-imagem dessas pacientes reduzindo as distâncias entre a realidade da amputação e a idealização da mama feminina como estrutura de forte apelo de atratividade.

Corpo desejado . É o corpo visto pelo olhar desejanter do outro. O “olho desejanter” tem o poder de diminuir as distâncias entre corpo idealizado e o corpo real. Para quem ama o feio bonito lhe parece !